

### AS PENAS ETERNAS



As tradições de diversos povos registram a crença, muitas vezes intuitiva, de castigos para os maus e recompensas para os bons, na vida de além-túmulo. Diante da imortalidade da alma, com efeito, a razão e o sentimento de justiça levam à compreensão de que tratamento diferenciado deve ser dado aos homens pelas leis divinas, de conformidade com a natureza das obras que executaram durante a vida no corpo físico.

Todavia, a tese da eternidade das penas reservadas àqueles que infringem as leis do bem e do amor, e, em consequência, a existência do inferno, não resistem à análise objetiva.

O raciocínio lógico conduz à seguinte premissa: se o Espírito sofre em função do mal que praticou, sua infelicidade deverá ser proporcional à falta cometida. O homem, dentro das limitações que caracterizam sua vida, em especial se consideramos a teoria de uma única experiência na matéria, não teria condições de perpetrar crimes cujas consequências se prolongassem ao infinito, de modo a justificar a existência de tormentos eternos.

Cumprir considerar também que a condenação perpétua não se coaduna com a idéia cristã da sublimidade, da justiça e da misericórdia divinas. Jesus testemunhou a Bondade e o Amor de Deus, ao afirmar que o "(...) Pai celeste (...)" não quer "(...) que pereça um só (...)" (07) de seus filhos, e ao recomendar em outra oportunidade: "(...) Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque Ele faz nascer o sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre os justos e injustos. (...) Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste." (06)

A razão, por outro lado, conduz à consideração de que Deus é um ser infinito em suas perfeições. "(...) É impossível conceber Deus de outra maneira, visto como, sem a infinita perfeição, poder-se-ia conceber outro ser que lhe fosse superior. Para que seja único acima de todos os seres, faz-se mister que ninguém possa excedê-lo ou sequer igualá-lo em qualquer coisa. Logo, é necessário que seja de todo Infinito. (...) (03) Sendo, portanto, infinitamente sábio, justo e misericordioso não se pode crer que tenha criado seres para serem eternamente desgraçados, em virtude de uma falta passageira, consequência natural da imperfeição do homem.

A doutrina das penas eternas surgiu das idéias primitivas de um Deus irado e vingativo, a quem o homem atribuiu as características de sua inferioridade. O fogo eterno é somente uma figura de que o homem se utilizou para materializar a idéia do inferno, de modo a ressaltar sua crueldade, por considerar o fogo como o suplício mais atroz e que produz o tormento mais efetivo. Tal sorte de conceitos serviu, em certo período da história da Humanidade, para controlar as paixões da infância da razão. Porém, não serve ao homem do século da inteligência, que nela não pode ver sentido lógico.

Jesus utilizou-se de figuras do inferno e do fogo eterno para colocar-se ao alcance da compreensão dos homens da época. Valeu-se de imagens fortes para impressionar a imaginação de homens que pouco podiam entender das coisas do Espírito, e cuja realidade estava mais próxima da matéria e dos fenômenos que lhes impressionavam os sentidos físicos. Em muitas outras oportunidades enfatizou o ensino de que o Pai é misericordioso e bom e de que a Sua vontade é que, daqueles que foram confiados a Jesus, nenhum se perca. (08)

Desse modo, a Justiça Divina se manifesta na vida dos seres não para a mera punição, mas com o objetivo maior do redirecionamento ao bem. Deus criou os seres para progredir continuamente em conhecimento e amor. Essa evolução se produz através de diversas experiências no plano físico e no plano espiritual. A dor é o estímulo de que se vale a Providência Divina para despertar a vontade de renovação e, assim, impulsionar o progresso. A infelicidade é, pois, consequência natural da imperfeição do Espírito e existe em virtude de suas necessidades de evolução.

O sofrimento não é eterno, pois o mal também não o é, de vez que todos foram criados para o aperfeiçoamento maior. À medida que o ser progride em amor e sabedoria o sofrimento vai-se atenuando. "(...) Dia virá em que a consciência mais denegrida experimentará, no íntimo, a luz radiosa da alvorada (...)" (10) do amor de Jesus.

Felicidade e infelicidade são proporcionais às realizações e conquistas efetivas pelos homens em suas experiências evolutivas.

A consciência harmonizada com a Vontade Divina reflete o Amor Sublime e objetiva o Bem, vivendo a paz interior e a felicidade em sua plenitude. O homem em desequilíbrio interior, ao contrário, ao se voltar para o mal, infringindo os códigos universais do amor, incorre nos mecanismos da Justiça Divina que, através da dor ou do sofrimento, o estimula ao reajuste e à reparação de seus erros.

Do homem é que depende a duração de seu sofrimento. Quanto mais cedo se utilizar de seu livre-arbítrio para evoluir, mais cedo ele se libertará do jugo da dor.

No Universo não há lugares reservados para o inferno, pois a dor opera a renovação do homem trabalhando em seu próprio coração. Há, no entanto, lugares de penitência no plano invisível, em que o sofrimento se apresenta sob diversas formas e intensidades. São os locais em que se reúnem Espíritos inferiores em evolução e que, pelo contato mútuo de seus vícios, magoam-se reciprocamente, mais do que o faziam quando jungidos ao corpo físico, pois nestes se vêem limitados pela matéria, e pelas regras da vivência social. Contudo, esses lugares não se assemelham ao inferno em sua tradicional acepção, pois se constituem em agrupamentos provisórios, sujeitos às modificações que lhes são impostas pelos mecanismos da reencarnação e pela lei do progresso, e que se extinguirão com a evolução dos seres que os freqüentam, quando, de acordo com as promessas de Jesus, "(...) haverá um rebanho e um pastor." (09)

